

Faculdade Saberes

Disciplina: História das Doutrinas Políticas

Professor: Me. Leonardo Grão Velloso Damato Oliveira

Autor: Ronald Guimarães dos Santos

O autor Inglês Quentin Skinner trás outra compreensão das ideologias de Maquiavel em seu livro intitulado “O Príncipe”. Skinner dá mais relevância aos componentes originais dessa obra do pensador florentino. Nesse artigo será discutido o papel ambíguo da *virtú* na obra do italiano, demonstrando como sua obra é diferente da maior parte dos escritos da mesma época.

Maquiavel viveu em um período de transição da história. Ele nasceu na segunda metade do século XV, em Florença, na Itália, foi um dos principais intelectuais do período chamado Renascimento, dando início ao pensamento político moderno. Ao escrever sua obra mais famosa, “O Príncipe”, o contexto político da Península Itálica estava conturbado, marcado por uma constante instabilidade, uma vez que eram muitas as disputas políticas pelo controle e manutenção dos territórios das Cidades e Estados. Nesse período os príncipes (governantes de principados) tinham poder absoluto sobre grupos sociais que estavam em um momento de “conflitos ideológicos”.

A modernidade foi um período da história onde o renascimento, o humanismo, o iluminismo e o Estado Absolutista estavam influenciando diretamente a sociedade, os governantes e o modo de vida em geral. Nicolau Maquiavel foi uma figura pública e política, por isso será muito importante que as suas obras e os contextos em que elas foram escritas sejam compreendidos. Ele ingressou na carreira “acadêmica” em um período em que Florença vivia uma República, onde ele escreveu um livro com o mesmo título. Contudo, com a retomada dessa dinastia, Maquiavel foi preso e exilado, no momento em que começou a escrever seu novo livro, “O Príncipe”. Esta obra seria, na verdade, uma espécie de manual político para governantes que almejassem não apenas se manter no poder, mas ampliar suas conquistas. Em suas páginas, o príncipe, rei ou

governante poderia aprender como planejar e meditar sobre seus atos para manter a estabilidade do Estado, do governo, uma vez que Maquiavel conta sucessos e fracassos de vários reis para ilustrar seus conselhos e opiniões. Além disso, para autores especializados em sua vida e obra, Nicolau Maquiavel teria escrito esse livro como uma tentativa de reaproximação do governo Médici, embora não tenha tido êxito em um primeiro momento.

Outro fator importante para se estudar o pensamento “maquiaveliano” é o estado sócio-político da Europa naquele período, do ponto de vista das ideologias e do pensamento humano. Ao final da Idade Média, retomava-se uma visão antropocêntrica do mundo (ou seja, o homem como o centro de tudo) presente outrora no pensamento das civilizações mais antigas como a Grécia, a qual permitiu o surgimento de outra ideia política, que não apenas aquela predominante no período medieval. Em outras palavras, a retomada do humanismo iria propor na política a “liberdade republicana contra o poder teológico-político de papas e imperadores”. Isso significaria a retomada do humanismo cívico, o que seria a construção de um diálogo político entre uma burguesia em ascensão desejosa por poder e prestígio e uma realeza possuidora da coroa. A formação do Estado moderno se deu pelo choque de interesses entre reis e a burguesia, marcando-se um momento importante para o desenvolvimento das práticas comerciais e do capitalismo na Europa. Assim, Maquiavel vivenciava um maior questionamento do poder absoluto dos reis ou de alguma dinastia, uma vez que nascia uma elite burguesa com seus próprios interesses, com o agravamento da ideia de liberdade individual. Era questionado o poder teocêntrico (ou seja, Deus como o centro de tudo) e desejavam a existência de um príncipe que, deveria ter qualidades necessárias, isto é, da *virtú*, poderia garantir a estabilidade e defesa de sua cidade contra as outras.

Dessa forma, Maquiavel produziu sua obra tendo em vistas à questão da legitimidade e exercício do poder pelo governante, pelo príncipe. A legitimação do poder seria algo fundamental para a questão da conquista e preservação do Estado, cabendo ao bom rei (ou bom príncipe) ser dotado de *virtú* e fortuna, sabendo como bem articulá-las. Nesse período é possível encontrar uma

ideologia muito forte dentro da sociedade da época, a crença que para alcançar a salvação era preciso ter *virtú* ou virtude. Era um conjunto específico de características e qualidades que todo bom cidadão moderno deveria ter para ser bem visto pela sociedade, além de estar ligado diretamente a uma doutrina religiosa da igreja, que na época era o catolicismo “clássico”. Enquanto a virtude dizia respeito às habilidades ou virtudes necessárias ao governante, a fortuna tratava-se da sorte, do acaso, da condição dada pelas circunstâncias da vida. A forma como a *virtú* ou virtude seria colocada em prática em nome do bom governo deveria passar longe dos valores cristãos, da moral social, segundo estudiosos de Maquiavel. Skinner mostra em seu livro (p. 154) a citação de um exemplo dado por Maquiavel, da “crueldade desumana” que levou Aníbal ao seu poder. No livro ‘O Príncipe’ podemos encontrar a seguinte informação:

“[...] se é melhor ser amado que temido ou o contrário. A resposta é de que seria necessário ser uma coisa e outra; mas, como é difícil reuni-las, em tendo que faltar uma das duas é muito mais seguro ser temido do que amado. Isso porque dos homens pode-se dizer, geralmente que são ingratos, volúveis, simuladores, tementes do perigo, ambiciosos de ganho;[...]” (MAQUIAVEL, 2005, p. 98).

Existiu durante os anos uma interpretação “maquiaveliana” dos estudiosos políticos a partir da leitura de Maquiavel. Eles cogitam e fazem surgir à ideia de que “os fins justificam os meios” literalmente (parafraseando Maquiavel). Além disso, fez surgir no imaginário e no senso comum de todos os que o estudam, a ideia de que Maquiavel seria alguém articuloso e sem escrúpulo, dando origem à expressão “maquiavélica” para designar algo ou alguém dotado de certa maldade, frio e calculista. Segundo o autor Quentin Skinner, não se pode atribuir literalmente o conceito da frase de Maquiavel. Em certas circunstâncias, são necessárias atitudes contrárias às virtudes cristãs (a Fé, a Caridade e a Esperança) e morais (a Prudência, a Temperança, a Fortaleza e a Justiça) recomendadas na literatura dos espelhos de príncipe. Um exemplo que é colocado pelo autor é a avareza de um rei (SKINNER, p.156). De acordo com a doutrina da igreja Católica da época essa atitude seria ir contra a ordem divina

de ajudar aos pobres e na obra de Deus (a igreja). Maquiavel defende que o rei necessitava ser avaro não só por uma questão de poupança, mas também de controle administrativo mais regulado e direcionado no seu reino. Essa ideia fica mais clara quando é utilizado o exemplo da tirania. Um rei não deveria ser tirano, temido, mas sim amável e carismático. Porém, segundo a análise de Skinner na escrita de Maquiavel, o rei deveria sim ser temido (SKINNER, p.155), pois isso iria dificultar uma possível revolução e tentativa de tirá-lo de seu posto, além também do poder de persuasão e temor perante seus inimigos de outros principados. Uma prova de que o pensamento de Skinner (p. 159) é coerente está nesse trecho do texto:

“Concluo, pois, voltando à questão de ser temido e amado, que um príncipe sábio, amando os homens como a eles agrada e sendo por eles temido como deseja, de apoiar-se naquilo que é seu e não do que é dos outros; deve apenas empenhar-se em fugir ao ódio, como foi dito.” (MAQUIAVEL, 1998 p. 101).

Se for pensado desse modo, a frase de Maquiavel “os fins justificam os meios” faz muito mais sentido. Após analisar as relações da ética com a política, observando as grandes diferenças entre o modo como se vive e como se deveria viver, Maquiavel afirmou que o príncipe não deve se desviar do que é bom, se assim conseguir. Porém, quando for necessário, ele deve praticar o mal com sabedoria. Muitas vezes uma atitude franca e severa, como um legítimo *vir virtutis* (homem virtuoso), acaba sendo inadequada.

Considerado um dos pais da Ciência Política Moderna, a obra de Maquiavel, já no século XVI, tratava de questões que ainda hoje são importantes, como por exemplo, a legitimação do poder, principalmente se considerar as características do “solo arenoso” que é a vida política hoje.

Referências:

- _MAQUIAVEL, N. O Príncipe. Versão eBook: Ridendo Castigat Mores, 2005.
- _MAQUIAVEL, N. Os pensadores: Maquiavel. São Paulo: Nova Cultural, 1998.
- _SKINNER, Q. “A era dos príncipes” *In: As fundações do pensamento político moderno*. São Paulo: Cia. Das Letras, 1996